

A IRREVERSIBILIDADE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO NA TEOLOGIA DE PAULO

Genilson Rodrigues Araújo¹

Faculdade Assembleiana do Brasil

ORCID – <https://orcid.org/0009-0003-7205-9511A>

LATTES – <https://lattes.cnpq.br/7282241986616118>

RESUMO

Este artigo realiza uma análise exegético-teológica da perícope de 1 Coríntios 15.1–11, à luz do contexto histórico, literário, teológico e sociocultural da comunidade de Corinto, com o objetivo de demonstrar como o apóstolo Paulo reafirma a ressurreição de Cristo como fato histórico e doutrina inegociável diante de sua negação por parte de alguns membros da igreja. Parte da hipótese de que Paulo estrutura sua argumentação com base na tradição apostólica, nas Escrituras, nos testemunhos visíveis e em sua própria experiência pessoal, buscando evidenciar a centralidade da ressurreição como fundamento da fé cristã, da proclamação (kerygma) e da esperança escatológica. A metodologia adotada segue o método histórico-gramatical, com abordagem qualitativa, dedutiva, bibliográfica e explicativa. A pesquisa se justifica pela necessidade teológica de resgatar a objetividade da ressurreição, sobretudo diante de leituras contemporâneas que relativizam esse acontecimento. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Wright (2008), Ridderbos (2011), Fee (2010), Dunn (2003), Barrett (1993) e Thiselton (2000). A estrutura do artigo contempla três partes: apresentação da metodologia, contextualização da carta e da comunidade de Corinto, e análise exegética e teológica da períope, com ênfase nas implicações eclesiológicas e doutrinárias da ressurreição de Cristo.

¹ É mestrando em teologia pela Faculdades Batista do Paraná; pós-graduado em Teologia Sistemática e graduado em Teologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil; graduado em Recursos Humanos pela Universidade do Norte do Paraná. É professor universitário, escritor e pastor nas Assembleias de Deus em Goiânia, Goiás. E-mail: pr.genilson@hotmail.com.

Palavras-chave: ressurreição de Cristo; teologia paulina; exegese bíblica; kerygma; historicidade.

ABSTRACT

This article presents an exegetical-theological analysis of the pericope of 1 Corinthians 15:1–11, considering the historical, literary, theological, and sociocultural context of the Corinthian community. The aim is to show how Paul addresses the question of Christ's resurrection, presenting it both as an event with historical context and as an essential doctrine, in response to some church members who denied it. The working hypothesis is that Paul structures his argument based on apostolic tradition, the Scriptures, visible testimonies, and his own personal experience, seeking to highlight the centrality of the resurrection as the foundation of Christian faith, proclamation (kerygma), and eschatological hope. The adopted methodology follows the historical-grammatical method, with a qualitative, deductive, bibliographic, and explanatory approach. The research is justified by the theological need to recover the objectivity of the resurrection, especially considering contemporary readings that relativize this event. The theoretical framework is based on authors such as Wright (2008), Ridderbos (2011), Fee (2010), Dunn (2003), Barrett (1993), and Thiselton (2000). The structure of the article includes three sections: presentation of the methodology, contextualization of the letter and of the Corinthian community, and an exegetical-theological analysis of the pericope, with emphasis on the ecclesiological and doctrinal implications of Christ's resurrection.

Keywords: resurrection of Christ; pauline theology; biblical exegesis; kerygma; historicity.

RESUMEN

Este artículo realiza un análisis exegético-teológico de la períope de 1 Corintios 15:1–11, a la luz del contexto histórico, literario, teológico y sociocultural de la comunidad de Corinto, con el propósito de demostrar cómo el apóstol Pablo reafirma la resurrección de Cristo como hecho histórico y doctrina innegociable frente a su negación por parte de algunos miembros de la iglesia. Parte de la

hipótesis de que Pablo estructura su argumentación sobre la base de la tradición apostólica, las Escrituras, los testimonios visibles y su propia experiencia personal, con el fin de evidenciar la centralidad de la resurrección como fundamento de la fe cristiana, de la proclamación (kerygma) y de la esperanza escatológica. La metodología adoptada sigue el método histórico-gramatical, con un enfoque cualitativo, deductivo, bibliográfico y explicativo. La investigación se justifica por la necesidad teológica de recuperar la objetividad de la resurrección, especialmente ante lecturas contemporáneas que tienden a relativizar dicho acontecimiento. La fundamentación teórica se apoya en autores como Wright (2008), Ridderbos (2011), Fee (2010), Dunn (2003), Barrett (1993) y Thiselton (2000). La estructura del artículo comprende tres secciones: presentación de la metodología, contextualización de la carta y de la comunidad de Corinto, y análisis exegético y teológico de la períope, con énfasis en las implicaciones eclesiológicas y doctrinales de la resurrección de Cristo.

Palabras clave: resurrección de Cristo; teología paulina; exégesis bíblica; kerygma; historicidad.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é realizar uma análise exegético-teológica de 1 Coríntios 15.1–11, considerando seus múltiplos contextos (histórico, literário, sociocultural e teológico), a fim de demonstrar como Paulo estrutura sua defesa da ressurreição como núcleo do evangelho cristão. A pergunta-problema que orienta a pesquisa é: de que maneira Paulo reafirma a ressurreição de Cristo como fato histórico e doutrina inegociável frente à negação presente na comunidade de Corinto? A partir disso, a hipótese proposta é que Paulo utiliza elementos da tradição apostólica, testemunhos visíveis e sua experiência pessoal para apresentar a ressurreição como base inquestionável da fé, da proclamação (*kerygma*) e da esperança cristã.

A relativização da ressurreição de Jesus Cristo, seja por abordagens filosóficas modernas ou por leituras teológicas que minimizam sua objetividade histórica, justifica uma produção científica que responda de forma bíblica e teologicamente sólida à centralidade dessa doutrina. A ressurreição de Cristo é apresentada no Novo Testamento, especialmente nas cartas paulinas, como o núcleo da fé cristã, o alicerce da esperança escatológica e a fonte da vida nova do crente (Rm 6.4; 1 Co 15.17). Diante disso, a perícope de 1 Coríntios 15.1–11 torna-se fundamental, pois nela Paulo reafirma, com base em uma tradição recebida, o caráter histórico, teológico e existencial da ressurreição, em resposta direta à negação da ressurreição dos mortos por parte da comunidade de Corinto (1 Co 15.12).

A relevância da pesquisa se dá em dois âmbitos. Em primeiro lugar, no teológico, por apresentar uma leitura exegética coerente com a teologia paulina da ressurreição; em segundo lugar, no contexto contemporâneo, por demonstrar como essa doutrina permanece essencial diante das tentativas atuais de reinterpretar o cristianismo à margem de seus fundamentos históricos. O estudo

é particularmente relevante ao resgatar a ressurreição como um acontecimento enraizado na história e essencial para a identidade da Igreja.

O processo metodológico adotado apresenta consistência e confiabilidade, sendo fundamentado em critérios hermenêuticos e científicos sólidos. Para a interpretação do texto bíblico, utiliza-se o método hermenêutico histórico-gramatical. Conforme proposto por Coelho (2021, p. 65), "o sentido histórico-gramatical ou literal do texto corresponde à interpretação de sua linguagem nos moldes requeridos pelas leis da gramática e os fatos históricos que envolvem o texto bíblico".

Além disso, adota o método dedutivo, partindo de proposições gerais do corpus paulino para analisar 1 Coríntios 15.1-11. A pesquisa é qualitativa, privilegiando a interpretação de dados textuais e teológicos e é, também, bibliográfica e explicativa, fundamentando-se em obras relevantes para elucidar os significados do texto (Lakatos; Marconi, 2016; Pereira et al., 2018; Zambello, 2018).

A fundamentação teórica da pesquisa conta com autores que tratam da historicidade da ressurreição (Wright, 2008), da teologia paulina (Ridderbos, 2011; Fee, 2010), da tradição e *kerygma* primitivos (Dunn, 2003), bem como com especialistas em crítica textual e exegese paulina (Barrett, 1993; Fitzmyer, 2008; Thiselton, 2000). Para questões introdutórias e histórico-sociais da comunidade de Corinto, serão considerados Bruce (2004) e Meeks (2003).

O artigo se organiza em três partes. Na primeira, apresenta a metodologia aplicada e, na segunda, uma análise introdutória de 1 Coríntios, com foco no contexto histórico-social da comunidade. Na terceira parte, apresenta uma análise exegética detalhada de 1 Coríntios 15.1-11, com atenção à estrutura literária, tradição recebida, testemunhos apostólicos e aspectos gramaticais. Por fim, abordará a teologia da ressurreição conforme apresentada por Paulo,

destacando suas implicações para a fé, a proclamação cristã e a identidade da Igreja.

2 ANÁLISE CONTEXTUAL DA PASSAGEM

A adequada interpretação de qualquer trecho bíblico requer uma análise cuidadosa de seu contexto histórico, literário e teológico. No caso de 1 Coríntios, especialmente da passagem de 1 Coríntios 15.1-11, torna-se fundamental compreender os diversos níveis de contexto em que o texto está inserido. Esta seção busca oferecer uma análise contextual abrangente da perícope, iniciando por elementos históricos que envolvem autoria, destinatários, local e data de redação, bem como o propósito geral da epístola. Aborda o contexto histórico específico da cidade de Corinto e de sua comunidade cristã, cuja diversidade sociocultural influenciava diretamente as concepções sobre a ressurreição. Por fim, traz a análise do contexto remoto e imediato de 1 Co 15.1-11 e a função estratégica dessa passagem como eixo doutrinário central, fundamental para a argumentação paulina sobre a ressurreição dos mortos.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO EM GERAL

A autoria de 1 Coríntios é amplamente atribuída ao apóstolo Paulo, sendo considerada uma das cartas protopaulinas, grupo que inclui também Romanos, Gálatas, Filipenses, Filemom, 1 e 2 Coríntios e 1 Tessalonicenses (Brown, 2004, p. 546; Champlin, 2002, vol. 4). Alguns estudiosos restringem esse grupo a apenas quatro epístolas (Romanos, Gálatas e 1 e 2 Coríntios), devido à ausência de controvérsias significativas quanto à autoria. A pesquisa reforça a aceitação quase unânime da autoria paulina de 1 Coríntios, com evidências destacadas por Bruce (2009), que aponta o reconhecimento precoce da epístola na literatura cristã, como no caso de Clemente de Roma (35–97 d.C.), que a descreve como uma

“carta abençoada” escrita por Paulo. Além disso, o estilo e a frequente citação dos pais da igreja confirmam a autenticidade paulina.

No início da epístola, Paulo declara que escreve “à igreja de Deus que está em Corinto” (1 Co 1.1). Essa comunidade era composta tanto por judeus quanto por gentios (At 18.7–8). A carta não foi redigida para o público em geral, tampouco se trata de um tratado teológico sistemático, mas é dirigida especificamente aos membros, frequentadores e líderes da igreja local (Kistemaker, 2003).

A cidade de Corinto, onde se situava a igreja destinatária, era um importante centro comercial e político da Grécia Antiga. Originalmente destruída pelo cônsul romano Lúcio Múmio Acaico em 146 a.C., foi reconstruída por Júlio César por volta de 44 a.C., sendo elevada à condição de colônia romana. Sua relevância comercial atraiu uma população diversa, mas marcada por baixos padrões morais. A presença do Templo de Afrodite, onde prostitutas sagradas se relacionavam com devotos, simboliza o contexto de devassidão e degradação cultural da cidade (Harrisson, 2010). A população era mista, formada por soldados aposentados, escravos libertos, judeus e gregos, mas os romanos exerciam domínio político e religioso (Carson; Moo; Morris, 2014).

A fundação da igreja em Corinto é relatada em Atos 18.1–17. Paulo estabeleceu aquela comunidade durante sua segunda viagem missionária, por volta do ano 50 d.C., enquanto residia com Áquila e Priscila. Ele começou seu ministério nas sinagogas, permanecendo na cidade por dezoito meses. Mesmo diante de intensa oposição, Paulo recebeu de Deus a confirmação para continuar pregando (At 18.9). Posteriormente, foi acusado de persuadir pessoas a adotar práticas religiosas contrárias à lei e compareceu perante o tribunal da cidade (Harrisson, 2010).

Há um consenso entre os estudiosos de que Paulo escreveu a epístola enquanto estava em Éfeso, durante sua terceira viagem missionária. O próprio

apóstolo menciona sua permanência naquela cidade ao declarar: "ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes" (1 Co 16.8). Essa estadia estendeu-se por aproximadamente três anos (At 20.31), o que permite concluir que a carta foi escrita nesse período (Gundry, 2013; Harrison, 2010; Morris, 1986).

A data da redação de 1 Coríntios pode ser estimada com base em evidências internas, incluindo a declaração de que Paulo ainda estaria em Éfeso até o Pentecostes (1 Co 16.8), e o registro de sua estadia naquela cidade durante a terceira viagem missionária (At 19.1–41; 20.31). Outro fator importante é o episódio em que Paulo comparece diante do procônsul Gálio (At 18.12), no final de sua segunda viagem missionária. Uma inscrição encontrada em Delfos indica que Gálio assumiu o cargo por volta do verão de 51 d.C. (Morris, 1986). Considerando esses elementos, os estudiosos situam a redação da epístola por volta do ano 55 d.C. (Brown, 2004; Harrison, 2010).

O propósito de 1 Coríntios foi múltiplo: Paulo escreveu com a intenção de restaurar a unidade da igreja, corrigir comportamentos imorais e desordens litúrgicas, responder a dúvidas doutrinárias e práticas enviadas por carta, e reafirmar a doutrina da ressurreição. A epístola aborda temas como divisões internas, casos de imoralidade, disputas judiciais entre irmãos, abuso dos dons espirituais e da Ceia do Senhor, além de tratar da coleta para os necessitados. Fundamentada em preocupações pastorais e teológicas, a carta visa tanto à correção quanto ao fortalecimento da fé e da vida comunitária da igreja de Corinto (Bruce, 2009; Kistemaker, 2003; cf. 1 Co 1.10–15.58).

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO ESPECÍFICO

A análise histórico-cultural de 1 Coríntios revela que o entendimento da ressurreição foi profundamente moldado por fatores socioculturais e ideológicos da cidade de Corinto. A cidade, reconstruída por Júlio César por volta de 44 a.C.,

era uma colônia romana com estrutura política similar à de Roma, mas marcada por forte influência da cultura grega e grande diversidade étnica, incluindo judeus, gentios e convertidos (Kistemaker, 2003; Morris, 1986). Essa pluralidade contribuiu para o surgimento de diferentes concepções sobre a imortalidade da alma e ressurreição, oriundas tanto das religiões de mistério quanto da filosofia platônica, que via a ressurreição corporal como absurda (Gundry, 2008).

A igreja em Corinto refletia essa diversidade. Composta por judeus, gentios convertidos ao judaísmo (os tementes a Deus) e coríntios alcançados pela pregação de Paulo (At 18.7-8), a congregação apresentava confusões doutrinárias, incluindo dúvidas sobre a ressurreição (Champlin, 2002, v. 4; Kistemaker, 2003). Paulo, ao escrever a carta, reforça a centralidade da ressurreição como fundamento da fé cristã (1 Co 15.1-11).

Quanto ao apóstolo Paulo, era judeu da tribo de Benjamim, nascido em Tarso, possuidor de dupla cidadania (judaica e romana) e educado na tradição farisaica sob Gamaliel (Champlin, 2002, v. 1; cf. Fp 3.5; At 22.3). Seu pensamento estava enraizado nas Escrituras Hebraicas, mesmo sendo conhecedor da cultura greco-romana. Sua estratégia missionária incluía o uso das sinagogas e o apelo às profecias do Antigo Testamento para apresentar a morte e ressurreição de Cristo (Ridderbos, 2013; cf. At 13.1-41).

Os judeus na igreja provavelmente mantinham concepções escatológicas baseadas no Antigo Testamento, acreditando em uma futura ressurreição dos justos (Champlin, 2002, v. 2; cf. Is 25.8; Os 13.14). Já os cristãos de origem grega sofriam influência de correntes filosóficas como o platonismo, o epicurismo e o estoicismo, que negavam a ressurreição física e promoviam uma visão espiritualizada da vida após a morte (Kistemaker, 2003; Hendriksen, 2003; cf. At 17.18).

Diante desse panorama, Paulo fundamenta sua doutrina nas Escrituras e no evento histórico da ressurreição de Cristo, rebatendo heresias com base teológica sólida e profunda sensibilidade pastoral, mostrando-se ciente das influências culturais e ideológicas de seus leitores.

2.3 CONTEXTO LITERÁRIO

A passagem de 1 Coríntios 15.1-11 deve ser compreendida à luz de seu contexto literário, tanto remoto quanto imediato. No contexto remoto, ela integra a quarta parte da carta, dedicada ao tema central da ressurreição. Essa seção se divide entre a ressurreição de Cristo (vv. 1-11) e a ressurreição dos mortos em geral (vv. 12-58), sendo a primeira o fundamento da segunda (Carson, Moo; Morris, 2004). Trata-se do ponto culminante da epístola, em que Paulo sintetiza a essência do evangelho - a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo segundo as Escrituras (Beg, 1999).

No contexto imediato, 1 Coríntios 15.1-11 inicia uma nova unidade temática, distinta das instruções práticas da seção anterior (1 Co 14.26-40), como indica a expressão "irmãos, venho lembrar-vos" (ARA), sinal de retomada do conteúdo doutrinário (Kostenberger, 2015). A conclusão da perícope é marcada no versículo 11 com a conjunção "portanto, seja" (εἴτε οὖν), que encerra a exposição inicial e serve de base teológica para a argumentação subsequente sobre a ressurreição dos mortos (Gomes; Olivetti, 2008). Assim, sua posição estratégica no início do capítulo 15 reforça sua função como fundamento doutrinário para o restante da argumentação paulina.

3 A RESSURREIÇÃO DE CRISTO NA TEOLOGIA DE PAULO

Após tratar de questões de natureza relacional e circunstancial, Paulo introduz um tema de caráter doutrinário em 1 Coríntios 15.1-11. Indica,

no versículo 12, que alguns membros da comunidade de Corinto negavam a ressurreição dos mortos, o que o levou a dedicar um extenso argumento à defesa dessa doutrina que, a seu ver, é central à fé cristã. Sua argumentação não se limita à ressurreição de Cristo; ela se estende à ressurreição geral dos mortos.

Essa mudança de foco revela uma dinâmica característica das cartas paulinas: a transição de temas teológicos para práticos ou de práticos para confessionais. Tal movimento evidencia não apenas a maneira como Paulo responde às demandas da comunidade à medida que surgem, mas também revela sua intenção de ancorar as questões éticas e pastorais em fundamentos teológicos consistentes.

O conteúdo da carta pode ser organizado da seguinte maneira: tudo começa com a introdução (vv. 1-2), onde Paulo abre um novo tema e já aponta os argumentos que vão guiar sua defesa do evangelho. Em seguida, vem o desenvolvimento (vv. 3-8), uma parte mais densa, onde ele destaca que a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus não foram acontecimentos aleatórios; tudo isso aconteceu em conformidade com as Escrituras e foi testemunhado por muitas pessoas. Depois, nos versículos 9 e 10, Paulo faz uma pausa para uma explicação mais pessoal: ele lembra que também foi chamado para ser testemunha, não por mérito próprio, mas pela graça de Deus. Por fim, ele encerra no versículo 11 reafirmando a mensagem central: esse é o evangelho que foi anunciado e no qual os cristãos depositaram sua fé.

Nota-se que a ressurreição de Cristo é abordada inicialmente como elemento indispensável do conteúdo evangelho na teologia de Paulo. A análise teológica da perícope destaca o termo central “evangelho” (εὐαγγέλιον), que estrutura a argumentação de Paulo. Esse foco é introduzido com a expressão “lembro-vos, irmãos” (1 Co 15.1), um chamado à recordação do evangelho que Paulo havia pregado na primeira visita a Corinto, evento que marcou a recepção

inicial da mensagem cristã. Na teologia paulina, o evangelho inclui tanto o processo quanto o conteúdo da proclamação, elementos que, segundo Becker (2000, p. 763), são inseparáveis. O verbo "lembra" (*Γνωρίζω*) aparece no presente do indicativo, o que implica que os coríntios, no momento da leitura da carta, deveriam trazer à memória o conteúdo da pregação (Champlin, 2002, v. 3).

Paulo, no início da perícope, indica o conteúdo de sua pregação: "o evangelho", que é "o evangelho que preguei" (1 Co 15.1). Para uma adequada compreensão de seu argumento, faz-se necessário esclarecer o sentido atribuído ao termo evangelho no âmbito de sua teologia. Tanto no versículo 1 como no 2, esse termo é utilizado com sentido teológico específico, remetendo seu ouvinte/leitor à pregação que fizera em Corinto, cujo conteúdo central era a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo (cf. vv. 3-4). Assim, ao empregar o termo evangelho na introdução da seção (v. 2), o apóstolo alude a um corpo doutrinário específico, constituído por elementos centrais da fé cristã: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo (Becker, 2000; Marshall, 2007).

A importância do evangelho fica ainda mais evidente logo no começo dessa passagem: "o qual recebestes, no qual perseverais e por meio do qual sois salvos" (1 Co 15.1-2). Essa sequência de frases mostra como o evangelho é essencial desde o início da fé até a salvação final.

No original grego, a estrutura das palavras reforça ainda mais esse foco. Paulo deixa claro: ele pregou o evangelho; os coríntios o receberam; continuam firmes nele; e é por meio desse evangelho que são salvos. Tudo gira em torno dessa boa notícia.

Um detalhe importante é a repetição da palavra "também" (*καὶ*), que aparece ligando cada uma dessas ações. Isso mostra uma progressão natural:

Paulo pregou, os coríntios receberam, continuam firmes e estão sendo salvos (Kistemaker, 2003).

Paulo continua dizendo: "a palavra que preguei a vós" (1 Co 15.2). Aqui, duas palavras ganham destaque e se conectam diretamente ao evangelho: "crestes" (ἐπιστεύσατε) e "palavra" (λόγῳ). A palavra "crestes" está no tempo aoristo no grego, o que indica uma ação pontual no passado, algo que os coríntios já fizeram. É como se Paulo estivesse dizendo: "vocês creram, mas será que essa fé foi verdadeira?". Ele mesmo levanta essa possibilidade ao acrescentar: "a menos que crestes em vão".

Esse verbo usado por Paulo carrega a ideia de um retorno a Deus, de uma decisão clara de aceitar o evangelho tal como ele foi anunciado anteriormente (Becker, *apud* Coenen; Brown). Para Paulo, o evangelho não é apenas uma boa mensagem, mas um conjunto de verdades fundamentais sobre Jesus, e o que foi crido no passado precisa continuar moldando a vida dos cristãos no presente (1 Co 15.2).

Essa conexão entre "crer" e "evangelho" mostra que a fé não é algo passageiro. O que foi confessado lá atrás precisa sustentar a caminhada até hoje. Afinal, o coração da mensagem está na morte, no sepultamento e na ressurreição de Cristo. Em termos teológicos, Paulo está fazendo aqui uma verdadeira confissão de fé, algo que ele repete sempre que precisa defender a centralidade do evangelho (Marshall, 2007; Schnelle, 2010).

As declarações de fé sempre tiveram um papel de destaque na vida e nos escritos de Paulo. Como observa Ferreira, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento existe uma expectativa clara de que o povo de Deus confesse publicamente sua fé (Ferreira, 2015). E Paulo leva isso a sério. Em suas cartas, vemos

vários momentos em que ele organiza e apresenta de forma clara os pontos essenciais da fé cristã.

Um exemplo bem conhecido está em Filipenses 2.5-11. Nesse trecho, Paulo compartilha o que muitos estudiosos consideram uma declaração estruturada de fé. Ali, ele destaca os principais pilares do evangelho: a encarnação de Jesus, sua humildade, a morte na cruz e, por fim, sua gloriosa exaltação (Ferreira, 2015).

Outro exemplo forte aparece logo no início da carta aos Gálatas (1.1-5). Paulo começa reafirmando o que é o verdadeiro evangelho, especialmente ao lembrar que Jesus se entregou pelos nossos pecados e que Deus o ressuscitou – verdades fundamentais que não podem ser trocadas ou distorcidas. Logo depois, ele expressa sua surpresa com a rapidez com que os cristãos da Galácia estavam se afastando dessa mensagem (1.6) (Ferreira, 2015).

E não para por aí. Outras declarações de fé importantes aparecem na primeira carta a Timóteo (6.13-16), em Romanos (1.1-4) e em Efésios (1.3-14). Em Romanos, Paulo mostra que o evangelho vem de Deus, foi anunciado nas Escrituras e tem como centro a pessoa de Jesus – que morreu, foi sepultado e ressuscitou (Ferreira, 2015). Já em Efésios, ele apresenta uma bela visão da atuação conjunta do Pai, do Filho e do Espírito Santo, revelando o quanto sua teologia é bem estruturada e profundamente ligada à Trindade.

Outro termo importante que aparece nesse contexto é “palavra” (λόγῳ). Assim como o evangelho, essa “palavra” também está ligada diretamente à ação de Paulo ao anunciar a mensagem. O significado, porém, vai além de uma simples fala ou discurso.

De acordo com Zabatiero (*apud* Coenen; Brown, 2013), essa palavra anunciada por Paulo está profundamente conectada à cruz e à ressurreição de

Jesus; ela não é apenas um chamado à fé, mas o próprio fundamento de uma mensagem que tem poder para transformar vidas.

Interessante notar que, em 1 Coríntios 1.2, a palavra não aparece como algo secundário ou subordinado ao evangelho, mas como algo que caminha lado a lado com ele. Ambas expressam o mesmo conteúdo central: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo.

Kistemaker (2003) também destaca esse ponto, explicando que o termo "palavra" provavelmente se refere ao conteúdo do evangelho que foi anunciado. Quando Paulo afirma que os coríntios estavam firmes no evangelho, ele não está apenas elogiando a fé deles, está dizendo que essa firmeza precisa se refletir numa vida que combine com os ensinamentos que receberam.

Os verbos usados por Paulo em 1 Coríntios 15.1-2 ajudam a entender melhor como ele enxerga a relação entre ele, o evangelho e os coríntios. As palavras "preguei", "recebestes", "perseverais" e "sois salvos" revelam uma sequência cheia de significado.

Os dois primeiros verbos, "preguei" e "recebestes", estão no tempo passado (aoristo) e no modo indicativo, ou seja, falam de algo que realmente aconteceu. "Preguei" está na voz média, o que sugere que Paulo agiu como mensageiro consciente de que sua pregação estava sendo conduzida por Deus. Já "recebestes" está na voz passiva, o que indica que o evangelho foi recebido como fruto da ação de Deus: foi Ele quem se revelou àqueles que escolheu alcançar.

O verbo "perseverais" está no tempo perfeito e na voz ativa, mostrando que os coríntios continuam firmes até hoje naquilo que creram no passado. Essa permanência não é algo pontual, mas uma realidade contínua, que começou e segue presente (Gomes; Olivetti, 2008).

Por fim, o verbo “sois salvos” está no tempo presente e na voz passiva, o que significa que a salvação é uma obra de Deus que está em pleno andamento. Não é apenas algo que aconteceu no passado, mas algo que continua sendo realizado na vida dos crentes, um processo em curso, operado pela graça divina.

Com apenas dois versículos de introdução (1-2), Paulo já deixa bem claro o tema que pretende desenvolver em 1 Coríntios 15. O evangelho está no centro de tudo e isso fica evidente pelas palavras que ele escolhe: “crer”, “perseverar” e “palavra”. Juntas, essas expressões mostram que a fé cristã não se apoia em ideias soltas ou experiências passageiras, mas em doutrinas firmes e fundamentais. Para Paulo, o conteúdo do evangelho não está aberto a negociações. Ele afirma com clareza: Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou. Essa é a base inabalável da fé da igreja.

Na sequência da carta, Paulo começa a desenvolver esse tema com mais profundidade. Primeiro, ele apresenta a tradição (vv. 3-4), conectando-a diretamente com as Escrituras. Depois, traz as aparições do Cristo ressurreto (vv. 5-8), mostrando que a ressurreição não é apenas uma crença, mas algo que foi testemunhado por pessoas reais. Por fim, Paulo compartilha algo pessoal (vv. 9-10): como ele mesmo experimentou a graça de Deus de forma transformadora e como isso reforça a veracidade da mensagem que prega.

O foco de Paulo em 1 Coríntios 15 é mostrar que a ressurreição de Cristo não é apenas real, mas definitiva, e mais do que isso, ela serve como modelo para a futura ressurreição de todos os que creem. E como ele faz isso? A melhor maneira, segundo o próprio apóstolo, é apontar para as aparições do Cristo ressurreto.

Paulo quer deixar claro aos seus leitores que essa verdade não foi inventada ou fruto de imaginação; foi, pelo contrário, confirmada por duas fontes confiáveis: a tradição da igreja e as Escrituras.

O ponto alto dessa seção (1 Co 15.1-11) é justamente a lista das pessoas que viram Jesus após a ressurreição. Paulo apresenta essas aparições como provas sólidas de que ele realmente ressuscitou. É interessante notar que, depois de citar vários nomes, ele inclui também o seu próprio encontro com Cristo, lá no caminho de Damasco, como se dissesse: "eu também sou uma dessas testemunhas" (Guthrie, 2011).

A ressurreição de Cristo é um dos pilares fundamentais do evangelho; é essa a boa notícia que Paulo e os outros apóstolos proclamaram ("assim pregamos", disse ele). Além disso, o evento foi confirmado por numerosas testemunhas confiáveis que afirmaram ter visto Jesus vivo após sua morte (Marshall, 2007).

A principal preocupação de Paulo ao escrever esse capítulo é mostrar que a ressurreição dos mortos é possível. E para isso, basta apresentar os fatos que comprovam a ressurreição de Cristo.

Portanto, o que sustenta os argumentos de Paulo sobre a ressurreição física e corporal de Jesus, ocorrida num momento histórico real, não é apenas a tradição e seu próprio testemunho, mas também a extensa lista de testemunhas, incluindo ele mesmo (1 Co 15.6-8). Paulo está especialmente preocupado com o abandono desse ensino, porque ele sabe que negar a futura ressurreição dos cristãos é o mesmo que negar a ressurreição passada de Cristo, e essa conexão é inseparável.

Percebe-se, também, a ênfase que Paulo dá às aparições como evidências da ressurreição de Cristo pela tripla repetição do verbo "apareceu" (ὤφθη) em 1 Coríntios 15.5-7. O verbo está no indicativo aoristo passivo, o que indica a certeza de uma ação completa no passado, de forma passiva. Por isso, a tradução mais adequada ao contexto é: "foi visto". O significado do verbo não se restringe à aparição em "visões ou sonhos"; no Novo Testamento, "em todos os

acontecimentos, a presença do Senhor ressurreto é uma presença de corporeidade transfigurada" (Dahn, *apud* Coenen e Brown, 2000, p. 2597-2598).

A próxima frase em análise, que corrobora com evidências da ressurreição de Cristo é a seguinte: "a Cefas, então aos doze e depois apareceu a mais de quinhentos irmãos" (1 Co 15.5-6). Brown (2004, p. 706) entende que as aparições, na forma atual, estão divididas em dois grupos de três, pelos quais Jesus "foi visto". No primeiro grupo estão: Pedro, os doze apóstolos e mais de quinhentas pessoas; no segundo, Tiago, todos os apóstolos e Paulo (o terceiro discutido na sequência). E acrescenta: "a referência conclusiva a ele mesmo é extremamente importante, visto que Paulo é o único escritor do Novo Testamento que declara ter testemunhado uma aparição de Jesus ressuscitado".

O primeiro grupo de três é apresentado por Paulo como as primeiras provas externas das aparições de Jesus após a ressurreição. Pedro (Cefas) é o primeiro da lista. Esse fato é confirmado por Lucas (Lc 24.34, ARA), que registra a fala dos discípulos no Cenáculo: "O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!"

O evangelista Marcos (Mc 16.9) afirma que Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena. Por que então Paulo afirma que apareceu primeiro a Pedro? Primeiro, porque Paulo não está preocupado com a ordem cronológica, mas com a veracidade dos fatos. Segundo, talvez estivesse mais atento ao "peso" da testemunha. Lucas relata que Pedro era o líder da igreja em Jerusalém (At 1.15; 15.7). Como Paulo escreve a uma comunidade distante, em Corinto, ele precisa apresentar uma figura de referência conhecida, e Pedro se encaixa perfeitamente nesse papel (Kistemaker, 2003).

O segundo da lista do primeiro grupo são os "doze". Mas como se refere aos doze se Judas já havia morrido? Primeiro, porque quando Paulo escreveu a carta, Matias já havia sido escolhido como apóstolo e testemunha da ressurreição

(At 1.21-23); segundo, porque é possível que Paulo tenha utilizado a expressão como designação do grupo apostólico como um todo. Lucas confirma que os doze eram os principais representantes de Jesus e as principais testemunhas de sua ressurreição. "Talvez essa tenha sido a razão pela qual as referências aqui omitiram os aparecimentos para as mulheres e os dois homens de Emaús" (Kistemaker, 2003, p. 737).

O terceiro e último da lista do primeiro grupo são "mais de quinhentos irmãos" (1 Co 15.6). Nenhum evangelista (Marcos, Mateus, João ou Lucas-Atos) registra um local onde se tenha reunido esse número de pessoas como testemunhas da aparição. A preocupação de Paulo não é com o local, mas com a veracidade do evento. Mesmo que algumas testemunhas já houvessem morrido, "a maioria sobrevive até agora" (v. 6). "O ponto central dessa passagem não é a localização do aparecimento, e sim o número de testemunhas que poderia testificar da ressurreição" (Kistemaker, 2003, p. 738).

Ainda sobre as evidências da aparição de Cristo, Paulo afirma: "depois apareceu a Tiago, então aos apóstolos, por último, então, apareceu a mim" (1 Co 15.7-8). Percebe-se que o segundo grupo de três testemunhas começa com Tiago, seguido dos apóstolos e, por fim, por Paulo. O primeiro do segundo grupo é Tiago. Champlin (2002) e Kistemaker (2003) concordam que se trata de Tiago, irmão do Senhor. Isso é apoiado pelo fato de que Paulo o menciona, junto com Cefas e João, como uma das "colunas" da igreja (Gl 2.9). Mais uma vez, Paulo demonstra estar mais preocupado com a credibilidade da testemunha do que com a ordem dos eventos. Tiago é citado como tendo assumido a liderança da igreja em Jerusalém após a saída de Pedro (At 12.17).

O segundo da lista do segundo grupo são os "apóstolos". Estaria Paulo sendo redundante, já que havia mencionado "os doze" anteriormente? Uma possibilidade é que ele esteja aludindo a um segundo aparecimento de Jesus

aos apóstolos (Jo 20.26), pois no primeiro (Jo 20.19) Tomé estava ausente. Outra interpretação considera que, ao mencionar "os doze", Paulo pode estar se referindo à aparição na Páscoa (Jo 20.19), e ao mencionar "os apóstolos", estaria se referindo à ascensão de Jesus (At 1.6-11) (Kistemaker, 2003).

A terceira e última testemunha do segundo grupo é o próprio Paulo, descrito como "nascido fora de tempo" (ἐκτρώματι). O termo significa "proveniente de dor ou trauma de um aborto", sendo uma metáfora para o modo inesperado e abrupto pelo qual Paulo se tornou apóstolo, ou seja, fora do tempo "normal". Isso o diferencia das demais testemunhas. A ressurreição de Cristo, portanto, está não somente no centro da teologia de Paulo, mas também de sua experiência e de sua pregação (Champlin, 2002; Guthrie, 2011; Kistemaker, 2003).

Paulo também evidencia seus argumentos com base na experiência quando afirma: "nascido fora de tempo" (1 Co. 15.8). A última testemunha da lista é o apóstolo Paulo, como foi visto, ele não está preocupado com a ordem dos fatos, mas com a veracidade deles. Todas as testemunhas serviram como evidências verbais, e por certo verdadeiras e a atestadas. Depois de citar relatos de pessoas e grupos importantes, dos quais confirmaram ter visto o Cristo ressuscitado, Paulo conclui a lista das aparições, não com relatos de terceiro, mas citando sua experiência pessoal (1 Co. 15.8). "A experiência no caminho de Damasco, portanto, abriu os olhos de Paulo à profunda e total compreensão de valor salvífico do sofrimento e da ressurreição de Jesus, como o Messias esperado por Israel" (Coelho Filho, 2009, p.119; Guthrie, 2011, p. 252).

Paulo reconhece sua total dependência da graça ao declarar: "pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Co 15.10). Sua conversão não foi resultado de um discurso convincente ou de uma argumentação lógica, mas de uma experiência direta e pessoal com o Cristo ressuscitado (At 9.3-5). Ele deixa claro que esse encontro não foi merecido, mas fruto da graça que lhe foi concedida por Deus (1 Co 15.9-10).

Essa experiência é de grande importância, não apenas como um marco na história do cristianismo, mas também como ponto de partida para o ministério de Paulo. Ela define tanto sua identidade quanto sua missão. O apóstolo recorre a esse momento como base para defender seu apostolado e autoridade ministerial (1 Co 9.1; 15.8) (Coelho Filho, 2009; Guthrie, 2011).

A experiência direta de Paulo com Cristo no caminho de Damasco confere a ele uma posição singular entre os apóstolos. Embora a pregação de Paulo, assim como a de qualquer outro, não possa substituir a experiência pessoal com Cristo, é justamente essa vivência que fundamenta seu testemunho e sua autoridade para anunciar a fé.

Essa experiência transformadora marcou profundamente a vida de Paulo e influenciou outras pessoas ao seu redor. Para ele, a cristologia, ou seja, o entendimento sobre Cristo não se baseia apenas nos testemunhos de terceiros, por mais importantes que sejam. Sua convicção tem início em sua própria experiência no caminho de Damasco, conforme relatado em Atos 9.3-5 (Coelho Filho, 2009).

Paulo reforça o que vinha dizendo ao afirmar: "a sua graça para comigo não se tornou vã" (1 Co 15.10). Ou seja, a experiência com Cristo não foi um momento passageiro ou um simples êxtase emocional. Foi uma transformação real e definitiva, capaz de regenerar até mesmo alguém que antes perseguiu a igreja. Ele mesmo reconhece isso com clareza: "não sou digno [...] persegui a igreja [...], mas pela graça [...] trabalhei muito mais" (1 Co 15.9-10, ARA). Essa declaração não é fruto de orgulho, mas da consciência de que sua vida foi radicalmente transformada pela graça de Deus.

A profundidade dessa experiência aparece também quando Paulo escreve aos Gálatas (2.19-20): "estou crucificado com Cristo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no

Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". Da mesma forma, em sua carta aos Filipenses (3.10, NVI), ele expressa o desejo contínuo de viver em união com Cristo: "Quero conhecer Cristo, a força da sua ressurreição e participar em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte" (Coelho Filho, 2009, p. 121).

O argumento de Paulo sobre a ressurreição ganha ainda mais força quando é sustentado por seu próprio testemunho pessoal. Isso se vê na declaração: "depois de todos, foi visto também por mim" (1 Co 15.8). Paulo foi alcançado pelo próprio Cristo, e essa experiência o transformou a ponto de afirmar: "já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim".

A cristologia de Paulo está enraizada na realidade de que Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia. Não se trata de uma construção meramente teórica ou acadêmica, mas de uma fé fundamentada em uma experiência concreta com o Cristo ressurreto (Coelho Filho, 2009).

Por isso, a ressurreição de Cristo não está apenas no centro de sua experiência pessoal, mas também é o coração de toda a sua pregação.

A pregação também é apresentada por Paulo como evidência da ressurreição, como se observa na afirmação: "portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos" (1 Co 15.11). Ao concluir a perícope em análise, Paulo reforça que a ressurreição de Cristo não é apenas uma doutrina, mas o conteúdo central do evangelho pregado por ele e pelos demais apóstolos (Marshall, 2007). A irreversibilidade da ressurreição se confirma, portanto, não apenas pela tradição e pelas testemunhas, mas também pela constância e centralidade com que o tema aparece na proclamação apostólica.

A marca fundamental da pregação paulina é sua cristocentricidade. Os registros de seus discursos no livro de Atos demonstram que o conteúdo de sua

mensagem corresponde fielmente ao evangelho que anuncia. Isso é evidente, por exemplo, em sua pregação em Antioquia: "embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos" (At 13.28-30).

Há uma relação clara entre a pregação e a experiência pessoal de Paulo. A força de sua proclamação nasce da transformação operada em sua própria vida. Como destaca Castro: "o segredo da cristocentricidade na pregação paulina está, portanto, na total dependência que o apóstolo tinha de Jesus. Não se tratava apenas de uma pregação alicerçada no Cristo, mas de toda uma vida Nele fundamentada" (Castro, 2009, p. 250).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ressurreição de Cristo é um dos pilares da teologia paulina e ocupa lugar central em sua compreensão do evangelho. Para o apóstolo, a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus não são apenas eventos históricos, mas constituem os fundamentos da fé cristã (1 Co 15.3-4). Esses elementos são apresentados como conteúdos essenciais da mensagem apostólica e da experiência salvífica do crente, servindo como base para a proclamação do evangelho e para a identidade da comunidade cristã.

Um dos recursos utilizados por Paulo para atestar a veracidade da ressurreição é o apelo às aparições do Cristo ressuscitado. Ele apresenta uma lista de testemunhas oculares, que inclui os apóstolos, mais de quinhentos irmãos e, por fim, ele mesmo, como evidência concreta de que Jesus venceu a morte (1 Co 15.5-8). Ao fazer isso, Paulo não apenas valida o evento da ressurreição, mas reforça sua importância como dado histórico, experiencial e teológico que

fundamenta a fé cristã e distingue o cristianismo de qualquer construção meramente simbólica ou mitológica.

Esses elementos fundamentais, tais como a morte, o sepultamento e a ressurreição, não apenas estruturam a teologia paulina, mas também moldam a maneira como o crente responde à sua fé em Cristo. Tal resposta é visível na confissão de fé da comunidade cristã primitiva e na vida dos que foram transformados por esse evento. A ressurreição, portanto, não é apenas um fato a ser crido, mas uma realidade a ser vivida, sendo o ponto de partida da nova existência em Cristo.

Entende-se que, para Paulo, a ressurreição de Cristo é um evento irreversível e central, cuja veracidade histórica sustenta a fé, legitima o ministério apostólico e fundamenta a esperança da igreja em sua própria ressurreição. Pode-se juntar-se a essa uma futura pesquisa que apresente com profundida a morte e sepultamento de Jesus, eventos que possuem estreita relação com a ressurreição de Cristo.

REFERÊNCIAS

- BEALE, Gregory. K; CARSON Donald A. (orgs.) **Comentário do uso Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BROWN, E. Raymond. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BRUCE F.F. **Comentário bíblico NVI**. São Paulo. Editora Vida, 2009.
- BRUCE, F.F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CARSON, Donald A.; MOO, Douglas J.; MOORIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- CASTRO, Jilton Moraes de. Paulo e a pregação da palavra. In: REGA, Lourenço Stelio. (org.). **Paulo e sua teologia**. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 1.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 2.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 3.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. Cristologia de Paulo. In: REGA, Lourenço Stelio. (org.). **Paulo e sua teologia**. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- COELHO, Lázara Divina. **Aplicação do método histórico-gramatical em Lucas 4,16-21**. 2021. 178 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2013. v. 1.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2013. v. 2.
- DONALD Guthrie. **Teologia de Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- FEE, Gordon D. STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 2008.
- FERREIRA, Franklin. **O credo dos apóstolos: as doutrinas centrais da fé cristã**. São José dos Campos: 2015.

FRADE, Mafalda Maria Leal de Oliveira e Silva. O discurso epistolográfico no *De Officiis* de Cícero. *Cuadernos de Filología Clásica, Estudios Latinos*, Madrid, v. 37, n. 2, p. 197-217, 2017. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CFCL/article/view/57802>. Acesso em: 04 out. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; DI MESQUISTA, Fabrício Dias Gusmão. Atividade epistolar no mundo Antigo: Relendo as cartas consolatórias de Sêneca. *História Revista*: Goiânia, v. 15, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10818>. Acesso em: 4 out. 2025.

GUNDY, H. Robert. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

HARRSON, F. Everett. *Comentário bíblico Moody NT*. São Paulo: FBR, 2010.

KISTEMAKER, J. Simon. *Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KOSTENGERGER, Andreas; Patterson, D. Richard. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

MORRIS, Leon. *Introdução e Comentário: 1 Coríntios*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

OLIVETTI, Odayr; GOMES, Paulo Sergio: *Novo Testamento Interlinear Analítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

OSBORNE, R. Grant. *A Espiral Hermenêutica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

REGA, Lourenço Stelo, Bergaman, Johannes: *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Shedd publicações, 2007.

VINE, W. E; UNGER F. Merril; WHITE Jr., William. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WAGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento: manual de metodologia*. São Paulo: Paulus, 1998.